

Na aldeia de Einsiedeln, Suíça, em 17 de dezembro de 1493 (ou em 10 de novembro do mesmo ano; há uma divergência histórica neste ponto), nasceu Phillipus Aureolus Theoperastus Bombastus von Hohenheim. Filho de Wilhelm Bombast, médico e alquimista; e neto de Georg Bombast von Hohenheim, Grão Mestre da Ordem dos Cavaleiros de São João.



O jovem de baixa estatura, gago e corcunda, aos três anos de idade, foi atacado por um porco que lhe mutilou o genital, fato que somado a sua aparência física, proporcionou-lhe um complexo de inferioridade que seguiu por toda a vida.

Até mesmo seu extenso nome é alvo das discordâncias. Possivelmente, o nome Theoperastus é uma homenagem ao famoso pensador grego. Já o nome Phillipus (ou Phelix), por vontade própria e motivos desconhecidos, foi acrescentado ao longo da vida; e a alcunha, Aureolus, é uma alusão “divina”, dada por seus admiradores ao longo dos anos.

Na infância, Theoperastus acompanhava seu pai viajando pelos povoados da terra natal, observando a manipulação das ervas usadas para curar enfermos daquela região. Dessa forma, passou a apreciar a atividade paterna. As primeiras noções sobre Teologia, Alquimia e Latim, foram transmitidas por seu pai. Ainda muito jovem, foi enviado à escola de Beneditinos do Mosteiro de Santo André. Lá, conheceu o notável alquimista, Eberhard Baumgartner.

Formou-se nos estudos tradicionais de sua época e seguiu o caminho profissional de seu pai, estudando medicina na cidade de Viena e concluindo em Ferrara. A partir deste momento, deu início as suas viagens, passando por Áustria, Egito, Hungria, Tartária, Arábia e

Polônia.

Em Salzburg, Áustria, tentou estabelecer-se como médico, mas foi expulso da cidade porque simpatizou com agricultores rebeldes. Recebeu o título de cidadão em Strasburg e partiu para Basel. Após vários conflitos com colegas médicos e farmacêuticos e o próprio conselho de medicina da cidade, Theoperastus recebeu uma ordem de prisão em 1528, forçando sua fuga da cidade. Em Wurzburg, aprendeu com outros sábios a manipulação de produtos químicos, principalmente com Tritêmio, célebre abade e ocultista do Convento São Jorge. Em 1536, publicou *Die Grosse Wundartzney*, (Cirurgia Maior), uma coleção de tratados médicos. Escreveu ainda trinta e dois artigos e ilustrações, com previsões de eventos até o ano 2106. Para que seus escritos tivessem uma penetração maior, redigiu todos em alemão, e não em latim, como era o costume.

Viajou pelo país como uma espécie de médico-cigano, e ficou conhecido como “o médico dos pobres” até voltar para Salzburgo em 1540, convidado pelo bispo da cidade. Faleceu em 24 de setembro de 1541 com apenas 47 anos. A causa de sua morte não foi esclarecida. Uma hipótese é que tenha sido vítima de feridas infeccionadas, ocasionadas quando, embriagado, sofreu uma queda numa taberna. O corpo foi velado na igreja de São Sebastião e, conforme seu último desejo, foram entoados os salmos bíblicos 1, 7 e 30.

Obras

Há diversos vácuos e incoerências na biografia deste personagem, também conhecido como Hohenheim. Estas poucas informações são os registros históricos mais confiáveis da vida de Paracelso, que teria adotado (ou recebido de seu pai) este apelido por ser “superior a Celso”, famoso médico romano da Antiguidade.

Sua vida pautada pelas polêmicas e conturbações que sua personalidade pouco adequada àqueles tempos lhe infligia. Esta frase de sua autoria exemplifica: “Ponderei comigo mesmo que, se não existissem professores de Medicina neste mundo, como faria eu para aprender essa arte? Seria o caso de estudar no grande livro aberto da Natureza, escrito pelo dedo de Deus. Sou acusado e condenado por não ter entrado pela porta correta da Arte. Mas qual é a porta correta? Galeno, Avicena, Mesua, Rhazes ou a natureza honesta? Acredito ser esta última. Por esta porta eu entrei, pela luz da Natureza, e nenhuma lâmpada de boticário me iluminou no meu caminho”.

Além da medicina, era versado em filosofia e política. Mas seus escritos estão relacionados principalmente com a sua profissão e chegam a mais de 8 mil páginas. Porém, apenas uma pequena parte é conhecida e estudada. A linguagem aplicada em sua obra é alegórica e passível de interpretação, um recurso utilizado para que não pudesse ser acusado de feitiçaria pelo implacável mecanismo inquisitório medieval. Conta-se que certa vez, Paracelso queimou em público diversos livros de Galeno e Avicena, dizendo: “Que toda esta miséria possa ir pelos ares como fumaça”.

Vejam, agora, algo sobre a bibliografia de Paracelso, que foi muito vasta. Hoje em dia são pagos a peso de ouro os livros deste homem genial, principalmente suas primeiras edições. Todas as suas obras originais foram diversas vezes reeditadas e traduzidas, por sua

vez, em todos os idiomas cultos. Não pretendemos, pois, nem sequer fazer um resumo de sua prolixa produção; limitar-nosemos a citar algumas das obras menos conhecidas:

Opera Omnia Medico-Chirurgica tribus voluminibus comprehensa. Genebra, 1 658. Três volumes in-fólio.

Nesta obra está reunido quase todo o seu labor. Índice: Volume I: Tratados médico, patológico e terapêutico ocultos. Mistérios magnéticos. Volume II: Obras mágicas, filosóficas, cabalísticas, astrológicas e alquímicas. Volume III: Anatomia e cirurgia propriamente ditas.

Arcanum Arcanorum seu Magisterium Philosophorum. Leipzig, 1 686. Um volume in-8.º.

Também esta obra é interessantíssima, por tratar extensamente das Ciências Ocultas. Foi reeditada em Frank-furt, em 1 770.

Disputationum de Medicina Nova Philippi Paracelsi. Pars prin in qua quias de remediis

superstitionis et magicis curationibus ille prodidit, proecipue examinantur a Thoma Erasto, medicina schola Heydelbergenti professore ad illustris, principium. Liber omnibus quarumeunq;

artium et scientiarum studiosis opprime cum necessarius tum utilis. Basileae apud Petrum Perna,

sem ano (1 536). Um volume in 4.o.

Além de seu alto valor científico, esta obra desperta um interesse muito grande porque nela se encontra a luta travada com Tomás Erasto, o inimigo mais temível de Paracelso.

Limitamo-nos a citar apenas estas três obras em latim por julgarmos que com elas se pode formar um juízo perfeito do célebre médico, encarado sob todos os pontos de vista.

São muitíssimo mais numerosas as obras que publicou em latim e alemão. Também as suas traduções são numerosas.

O Manuel Bibliographique des sciences psychiques, de Alberto L. Caillet, cita mais de trinta

títulos e se deve levar em conta que referida bibliografia data de 1 913. Temos conhecimento de muitas reimpressões posteriores a dita data. Entre estas últimas citaremos a seguinte, por considerá-la muito interessante:

Paracelse (Théophraste): Les sept Livres de l'Archidoxe Magique, traduits pour la première fois en français, texte latin en regard. Paris, 1 929. Um volume in-4.º.

Contém numerosos segredos e talismãs preciosos contra a maior parte das doenças, para conseguir uma vida sem inquietudes; sobre a vida dupla, etc.

As obras de Paracelso, como todas as que tratavam de ciências ocultas — astrologia, magia, alquimia, etc. — contêm algumas frases obscuras que somente os iniciados conheciam em todo o seu valor. Os alquimistas velavam, principalmente, seus segredos por meio de símbolos e frases alegóricas, a que os leigos no assunto atribuíam as mais grotescas interpretações, quando os tomavam ao pé da letra. Iniciado que fora pelo abade Tritêmio, Paracelso adotou sua terminologia, acrescentando, por seu arbítrio, termos originários ora da Índia ora do Egito.

Médico e Místico

Paracelso entregou-se com um ardor e entusiasmo sem limites ao estudo profundo da Alquimia. “A Alquimia” — diz nosso biografado — “não visa exclusivamente obter a pedra filosofal; a finalidade da Ciência Hermética consiste em produzir essências soberanas e empregá-las devidamente na cura das doenças”.

Até mesmo a forma de exercitar seu ofício era contestada. Acreditava ele, que a função de um médico ia além do diagnóstico e receituário convencional; era necessário um estudo do paciente e uma compreensão da doença em aspectos como a astrologia, alquimia, magia e outras variações esotéricas.

A medicina daquele tempo, baseada no pensamento do filósofo Hipócrates, acreditava que as doenças eram causadas por mau funcionamento dos fluídos do corpo humano: sangue, catarro, bÍlis preta e bÍlis amarela. Paracelso contestou e simplificou este conceito. Segundo ele, os seres materiais têm origem em quatro elementos: terra, água, ar e fogo; e três substâncias: enxofre, mercúrio e sal. Os primeiros são realidades materiais compreendidas dinamicamente. Enquanto os outros são modalidades de comportamento da natureza. Ou seja, o enxofre é combustível, o mercúrio é volátil e o sal é resistente ao fogo. Portanto, a saúde é o equilíbrio, e a doença é o desequilíbrio de todas as energias presentes no ser humano, tanto no corpo físico como espiritual.

De acordo com Paracelso, a cura apóia-se em quatro bases distintas: filosofia, astronomia, alquimia e virtus. A filosofia significa: abrir-se ao conjunto das forças naturais, observar essas forças invisíveis na penetração da realidade total e perceber o invisível no visível. A astronomia explica as influências dos astros na saúde e nas enfermidades. A alquimia torna-se útil no preparo dos medicamentos. O termo virtus é uma alusão a honestidade do médico que, através do raciocínio de Paracelso, é uma pessoa em constante evolução e aperfeiçoamento, e deve reconhecer a ação da natureza invisível no doente ou, em se tratando do remédio, como atua no plano visível. Assim, o conhecimento médico tem menos a ver com conhecimento intelectual do que com a intuição.



AV. PH. TH. PARACELSVS, AETAT. SV AE 47.

Paracelso fazia freqüentes associações entre Magia e Imaginação. “O visível esconde o invisível, mas apesar disso conseguimos o invisível apenas através do visível”, dizia. Nesse caso, magia significa a ação direta sobre as pessoas e todos os seres, sem ajuda da matéria. Ou seja, o mago é capaz de causar efeitos físicos sem ajuda física. No livro Paracelso – Alquimista, Químico, Pioneiro da Medicina, o historiador e filósofo Lucien Braun, cita: “toda natureza invisível se movimenta através da imaginação. Se a imaginação fosse forte o suficiente, nada seria impossível, porque ela é a origem de toda magia, de toda ação através da qual o invisível (de um ou outro modo) deixa seu rastro no visível. A energia da verdadeira imaginação pode transformar nossos corpos, e até influenciar no paraíso...”.

Além disso, o médico suíço reconheceu que a fé fortalece a imaginação. Isso inclui as curas milagrosas atribuídas a ele e que não foram apenas resultados dos medicamentos, mas serviram para influenciar conscientemente a ação da imaginação do próprio paciente, de modo que agisse diretamente no desejo de ser curado. Atualmente, há na medicina, o chamado placebo, uma substância sem qualquer efeito farmacológico, prescrita para levar o doente a experimentar alívio dos sintomas pelo simples fato de acreditar nas propriedades terapêuticas do produto. De certa forma, pode-se entender que Paracelso já fazia uso deste recurso há mais de 500 anos. Outro fator interessante de seu raciocínio, é que ele também associava as características exteriores de uma planta a sua função medicinal. Por exemplo, folhas em forma de coração foram recomendadas para doenças cardíacas.

Seu Legado

Personagens como Van Helmont e Friedrich Franz Mesmer deram continuidade aos trabalhos de Paracelso. O pensamento e a atitude do sábio suíço influenciaram não apenas as ciências e o ocultismo de sua época, mas até hoje são lembrados e utilizados como base de estudos modernos. Até mesmo durante uma epidemia de cólera, em 1830, seu túmulo foi objeto de peregrinação.

Sabe-se que Paracelso nasceu no ano de 1493, o dia e o mês ainda são discutíveis. Mas isso não é tão importante, porque foi um homem além de seu tempo, além das datas e do pensamento. Seu legado de obras escritas e ensinamentos compõem o que atualmente é chamado de Medicina Experimental. Formulou os primeiros conceitos da homeopatia, farmacologia, medicina psicossomática, psicologia e bioenergética. Um médico esotérico que, como todos os outros “não esotéricos”, tinha apenas um objetivo: prolongar a existência humana na Terra.

Morte

Paracelso estava sentado em seu leito. O primeiro artigo do seu testamento reza textualmente: “O mui sábio e honorável Mestre Teofrasto de Hohe-nheim, doutor em Ciências e Medicina, débil de corpo, sentado em seu rústico leito de campanha, porém com espírito lúcido, probo de coração, entrega sua vida, sua morte, sua alma à salvaguarda e proteção do Todo-Podero-so. Sua fé inquebrantável espera que o Eterno Misericordioso não permitirá que os amargos sofrimentos, o martírio e a morte de seu Filho Único, Nosso Senhor Jesus Cristo, sejam estéreis e impotentes para a salvação deste seu humilde servo”. Em seguida determinou as disposições concernentes ao seu enterro e escolheu a igreja de São Sebastião, que ficava além da ponte. Para ali teve que ser transportado o seu corpo; quis que lhe entoassem os salmos um, sete e trinta. Entre cada um dos referidos salmos se distribuiria dinheiro aos pobres que estivessem em frente à igreja. A escolha dos salmos é algo significativo; constitui a confissão de sua fé e a convicção de que sua vida não tinha que morrer no esquecimento; antes, porém, que tinha que passar para a imortalidade. Depois da solene cena descrita, viveu tão-só três dias. Sem dúvida, expirou na Pousada do Cavalo Branco. A morte não lhe causava horror. Segundo ele, a morte era “o fim de sua jornada trabalhosa e a colheita de Deus”.

Seu falecimento se deu no dia 24 de setembro, dia de São Ruperto, festa muito celebrada em Salzburgo, que naquele ano calhou ser em dia de sábado. O Príncipe Arcebispo ordenou que os funerais do grande médico se celebrassem com toda pompa. A cidade se achava repleta de forasteiros, pessoas do campo e muitos estrangeiros. Cincoenta anos depois de sua morte, seu túmulo foi aberto; foram retirados os seus ossos para serem trasladados para outra sepultura melhor disposta, encravada numa das paredes da igreja de São Sebastião.

O executor testamentário de Paracelso, Miguel Setznagel, mandou colocar uma lápide de mármore vermelho sobre o túmulo, com uma inscrição comemorativa, que dizia o seguinte, em latim: “Aqui jaz Felipe Teofrasto de Hohenheim. Famoso doutor em Medicina que curou toda espécie de feridas, a lepra, a gota, a hidropisia e várias outras doenças do corpo, com ciência maravilhosa. Morreu no dia 24 de setembro de 1541.”



Fontes consultadas: Botânica Oculta de Paracelso; Spectrum.

Att.: A Ordem.